

## Memorando da Environmental Health Conference 2011

### Preâmbulo

Caros colegas e interessados,

No seguimento da oportunidade de marcar presença na Environmental Health Conference que se realizou em Salvador entre 6 e 9 de Fevereiro e que contou com a presença de Vítor Manteigas e Nelson Leite e Sá das ESTeSL e ESTeSC respectivamente surgiu a reflexão conjunta de se criar um memorando.

O presente documento tem como objetivo principal, transmitir alguns destaques e observações pessoais que consideramos uma mais-valia à comunidade de Saúde Ambiental, integrando na medida do possível todos os colegas nos assuntos prementes abordados na Conferência.

**Local:** Hotel Othon em Salvador da Baía

**Participantes:** Cerca de 250 pessoas de todo o mundo, contudo maioritariamente do Brasil e 10 participações de Portugal.

Os trabalhos começaram no dia 6 com o *Author Workshop*, tendo como oradores:

- Sandra Broerse (*Publisher* do portefólio da *Elsevier Environmental Science & Ecology*);
- Ellen Silbergeld, professora da Escola de Saúde Pública Johns Hopkins Bloomberg (EUA) e *Editor-in-Chief* do periódico *Environmental Research*; e
- Jerome Nriagu, professor da Escola de Saúde Pública da Universidade de Michigan (EUA) e *Editor-in-Chief* do *Science of the Total Environment* e da *Encyclopedia Environmental Health*.

Desafiaram os presentes a submeter resumos ao *Environmental Research* e ao *Science of the Total Environment* sugerindo, no entanto, que os autores estabelecessem contatos prévios com os editores no sentido de aferir da relevância do *paper* para o periódico em questão.



Article rejection rates (2009)

Brazil	81%
Argentina	80%
China	86%
India	94%
Mexico	83%
Portugal	87%
Russia	100%
Spain	68%
USA	58%

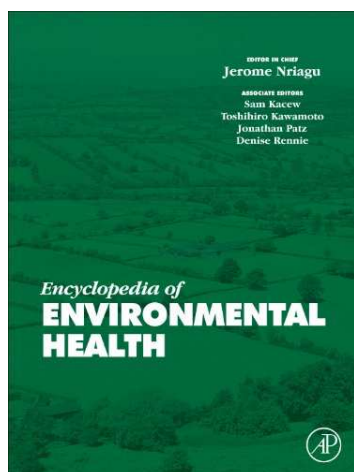
Apresentaram alguns dados interessantes referentes à taxa de rejeição de resumos submetidos, por país, conforme imagem reproduzida ao lado. A taxa de rejeição para Portugal é de 87%.

Enfatizaram o facto do não domínio da língua inglesa não ser um factor de exclusão de artigos. Quando os editores reconhecem a importância de determinado estudo, assumem haver um esforço conjunto no sentido de garantir a sua publicação. Foi referido ainda

por alguns dos presentes que, nos seus países de origem, o acesso à informação de cariz científico, nomeadamente a bases de dados é caro e, por conseguinte, quase impossível, dificultando a investigação e consequentemente a elaboração (na fase de discussão) de artigos.

Os dois *Editor-in-Chief* mencionaram que após uma devolução de artigo com sugestão de correcções/alterações/melhorias, estas devem sempre ser tidas em consideração, independentemente do artigo vir a ser submetido a outro periódico porquanto a generalidade dos revisores são revisores em vários periódicos e poderão vir a rever o vosso artigo novamente.

Como nota final, a ideia é investigar, escrever, submeter, encarar a rejeição como algo inerente ao processo e nunca desistir.



A *Encyclopedia Environmental Health*, composta por 5 volumes organizados alfabeticamente por temas, pareceu-nos muito completa e de extrema relevância, não fossem os custos associados à sua aquisição (cerca de 1600 euros).

### 1<sup>st</sup> KeyNote Speaker – D. C. Payne-Sturges (EPA, EUA)

Payne Sturges trabalhou como Engenheira, mas pretendia saber o que estava na base da resolução daqueles problemas e tirou Saúde Pública, segundo Payne “A melhor coisa que fez na vida”.

Apresentou o seguinte diagrama que destacamos:

#### **Social determinants of Health**

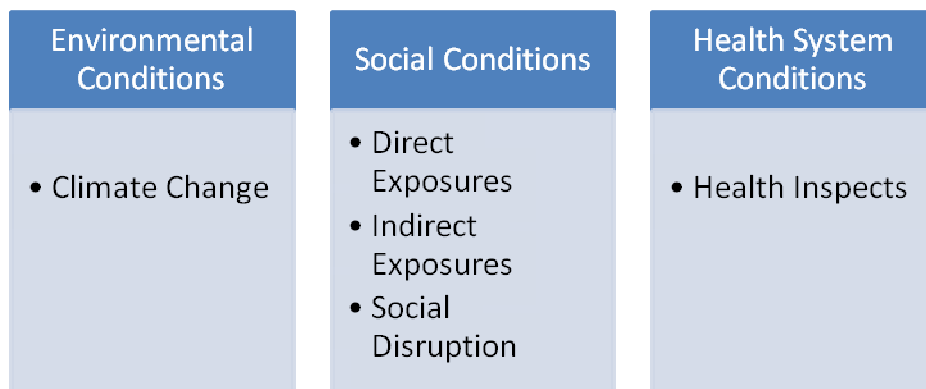
Social structure → Social Position → Social/Material Environment → Behavioral/Psychological Factors → Illness and injury → and those social consequences  
Gini Coefficient → visa averiguar a disparidade social/equidade

“Segregação é um dos riscos da Saúde Ambiental”

“Inequidade tem custos avultados às sociedades”

[payne\\_sturges.devon@epa.gov](mailto:payne_sturges.devon@epa.gov)

2<sup>nd</sup> KeyNote Speaker – Ulisses Confalonieri (Escola Nacional de Saúde Pública, Brasil)



Adaptação e mitigação das Alterações Climáticas

| Dengue – fatores de Vulnerabilidade

| Malária

| Cheias e Leptospirose

“Desabamentos [deslizamento de terras] são mais frequentes e comuns com as Alterações Climáticas”

“Pessoas ao migrarem para as cidades levam consigo doenças o que muda a epidemiologia da cidade e acarreta novos riscos para a cidade em si, no que à Saúde Pública diz respeito”

“A mortalidade por calor já superou a mortalidade fruto de catástrofes naturais. Tem que haver um programa no sentido de preparar-nos para as ondas de calor”

Usando para tal: “Cooling Centers” através de Planos de Contingência. Nestes deve-se identificar e localizar grupos de risco, criar parcerias para envio de pessoas para os tais “cooling centers” (shoppings e outros) e articular com entidades (INSA por exemplo) sobre fases de risco e comunicação sobre ondas de calor. População mais vulnerável: >65 anos, crianças e doentes crónicos.

Este colega apresentou um Índice de Vulnerabilidade Geral (IVG) que tem como base o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e que possibilita determinar o impacto das mudanças climáticas na saúde pública. O IVG tem em linha de conta para o seu cálculo três indicadores: Índice de Vulnerabilidade Socioeconómica (IVSE) Índice de Vulnerabilidade Epidemiológica (IVE) e o Índice de Vulnerabilidade Climatológica (IVC).

[pmags@ensp.fiocruz.br](mailto:pmags@ensp.fiocruz.br)

Ellen Silbergeld – Conference Chair

(Pessoa de referência na Saúde Ambiental)

Efeitos a longo prazo → Saúde mental (síndrome de doenças pós-traumáticas) → suicídios

“Neobiota” – agentes patogénicos emergentes

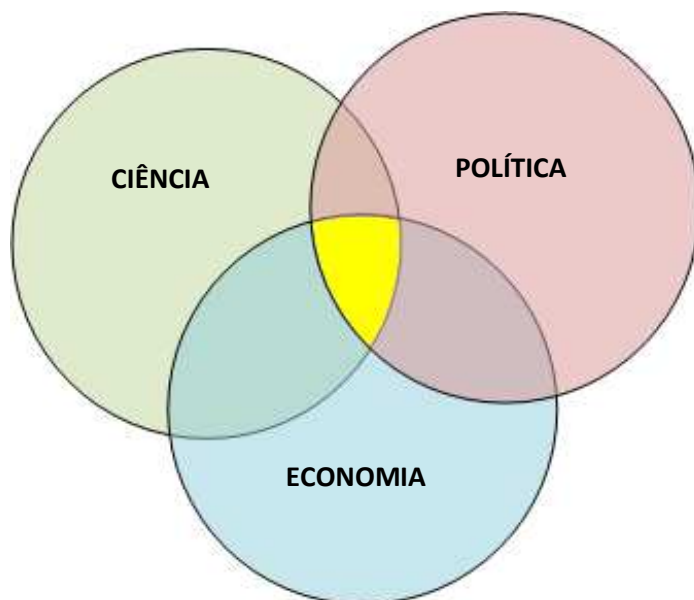
3<sup>th</sup> Keynote Speaker – M. Vahter (Karolinska Institute, Suécia)

Apresentou alguns dados referentes a trabalhos desenvolvidos em países com a contaminação (natural ou de natureza antropogénica) dos lençóis freáticos por arsénio e da forma como este, por interacção, pode potenciar os seus efeitos negativos na saúde.

4<sup>th</sup> Keynote Speaker – Paulo Saldiva (Universidade de São Paulo, Brasil)

Nalgumas regiões do Brasil, é frequente assistir-se a deslizamentos/desabamentos de resíduos “garbage slides”

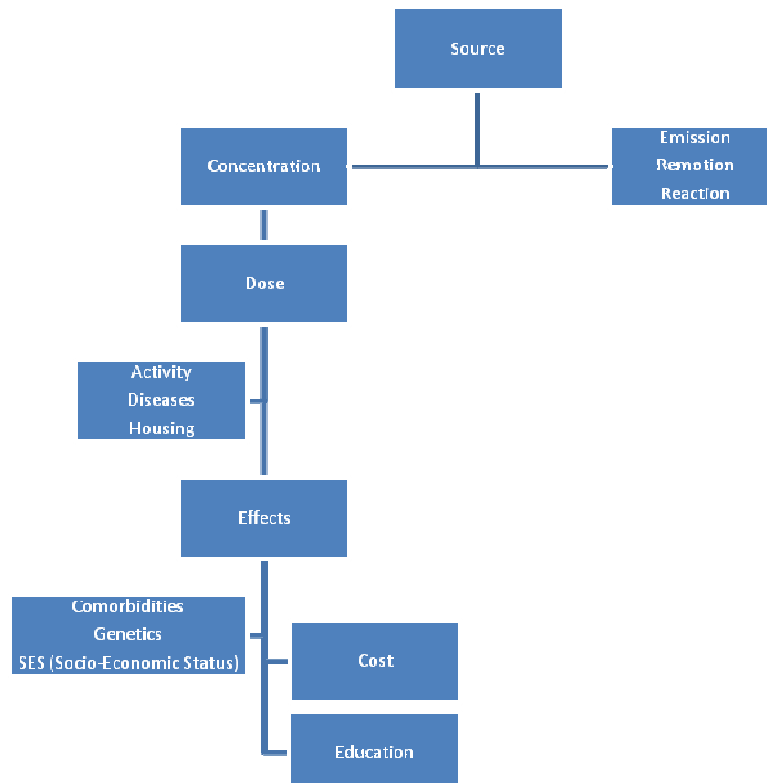
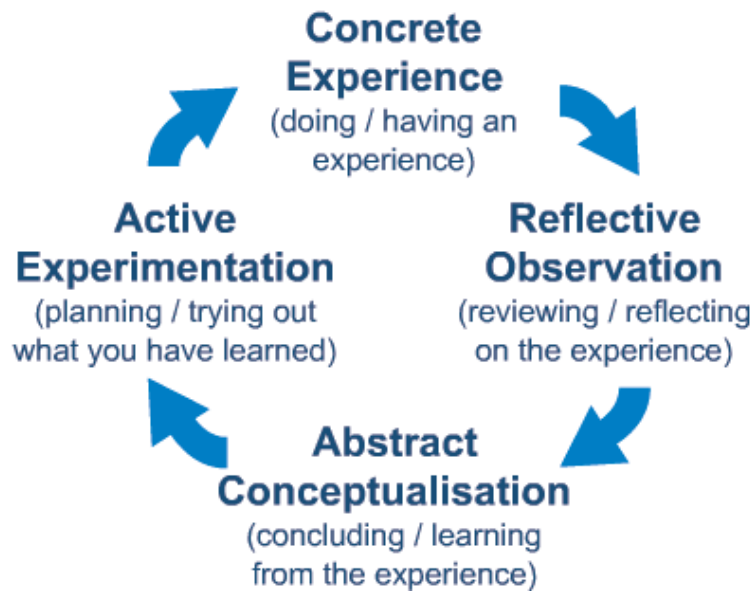
Para a produção de conhecimento há que ter em linha de conta a Ciência, a Política e a Economia... e a investigação resulta de uma “ínfima” parte onde se verifica a sobreposição de saberes nestas três áreas.



Considera que a investigação científica está muito afastada da opinião pública, pelo que é necessário criar investigação e aproximá-la ao público, através por exemplo de sumários para fins de comunicação da própria investigação.

Sendo que ao investigador cabe: investigar; clarificar; estabelecer parcerias; liderar pelo exemplo; ser ético; e envolver-se efectivamente nos processos e ser litigante.

Para o processo de ensino-aprendizagem aludiu ao *Kolb's Learning Cycle*



Na sessão de encerramento aludiu-se à mudança de paradigma associação à Saúde Ambiental e da necessidade de redefinirmos as nossas prioridades (*resetting our priorities*). Na definição de “Saúde ambiental” tem-se verificado, desde sempre, a ausência do conceito de “patogénico” e a investigação/ciência tem desenvolvido trabalho numa perspectiva bipolar o que poderá implicar uma sensação de falsa segurança.

Factores  
Químicos

Factores  
Biológicos

Vejamos...

Interdição do DDT *versus* aumento de casos de Malária

Vigilância do arsénio *versus* negligência dos parâmetros biológicos

Por outro lado, a presença concomitante de determinados factores químicos e biológicos pode potenciar o efeito negativo sobre o ambiente e a saúde humana.

Assim, foi dada indicação para se “apostar nos patogénicos sem esquecer a sua interacção com os químicos”.